

Fardo florido: a poesia tocantinense de Isabel Dias Neves

Edilene Ribeiro Batista*

Resumo

Na análise da obra *Fardo florido*, de Isabel Dias Neves, aqui apresentada, objetivamos traçar um estudo do livro supracitado na perspectiva de uma escritura tocantinense (entenda-se aqui literatura tocantinense como as manifestações literárias produzidas no estado do Tocantins). Observaremos nesse processo questões vinculadas ao regionalismo, uma vez que a poesia da autora reflete essa perspectiva. Para tanto, utilizaremos como suporte teórico os estudos de Antonio Candido, Lúcia Miguel Pereira e Mirian Aparecida Deboni no que se refere a essa temática.

Palavras-chave: Literatura tocantinense. Regionalismo. Isabel Dias Neves.

Introdução

Para Massaud Moisés, toda análise implica um processo de conhecimento da realidade. Em se tratando de literatura, na compreensão do texto, o contexto deve ser considerado. Afinal, “um escrito constitui sempre um ser vivo [...], aberto aos influxos de fora, da cultura em que foi produzido, da Língua em que foi elaborado, da sociedade que o motivou, dos valores em vigência no tempo, etc.” (MOISÉS, 1995, p. 17). Isso pode ser percebido, por exemplo, em literaturas tidas como regionais.

* Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, professora efetiva do curso de Letras - Departamento de Literatura e docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará. Autora de livros e artigos em revistas, tem, entre suas publicações, a obra *Fragilidade e força: personagens femininas em Charles Perrault e no mito da donzela guerreira*. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre “Escritoras brasileiras do período Colonial” e coordena o grupo de estudo/pesquisa “Outras Vozes: Gênero e Literatura”.

O dicionário define regionalismo como “caráter da literatura que se baseia em costumes e tradições regionais”. Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* – v. II, melhor explicita tal conceito estabelecendo que, em se tratando de regionalismo, a geografia, a história e a cultura de um dado local devem ser consideradas como formas de expressão da consciência e da cultura intelectual de uma região. Para o estudioso, há elementos que são fundamentais em se tratando de regionalismo literário, a saber: a) senso da terra, da paisagem que condiciona a vida de toda uma região; b) vínculo entre geografia e história como componente da estética literária; c) a presença de um patriotismo regional que acaba por se manifestar por meio de uma interpenetração da sensibilidade artística do escritor com a paisagem geográfica e social do local que ele descreve. Afirma Candido:

[...] sentir a importância literária de um levantamento regional; sentir como a ficção é beneficiada pelo contato de uma realidade demarcada no espaço e no tempo [é uma experiência] que o romancista deve conhecer e descrever precisamente (1993, p. 269).

Ao traçar um retrato dessa realidade, como descrito acima, o escritor acaba por marcar a presença do homem na região, procurando interpretar-lhe o comportamento, o modo de ser, entre outras coisas. Nessa análise, o autor pode ir para além de um estado contemplativo, abraçando a complexidade dos problemas sociais, políticos e econômicos do local com o

qual está trabalhando, apresentando, assim, ao público leitor, “a valia de uma visão da realidade local, que [é] a sua” (CANDIDO, 1993, p. 271).

Dentre os diversos estudiosos do regionalismo encontra-se Lúcia Miguel Pereira. Por considerar a temática regionalista abrangente, estabelece a autora:

Se consideramos regionalista qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos que classificar desse modo a maior parte da nossa ficção [...].

Para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem local, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilo de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora (PEREIRA, 1988, p. 175).

Para Pereira, no Brasil, o final do século XIX se destaca como divisa para a implantação do regionalismo puro, ligando-o ao movimento nacionalista e à idéia de independência cultural. De acordo com a autora, é nesse espaço de tempo que começa o desejo por parte dos escritores de mostrar o viver de nosso povo sem influências e contatos externos. Já nas primeiras décadas do século XX, Monteiro Lobato põe a cabo o chamado regionalismo realista/naturalista. Após essa fase, o chamado regionalismo com tendência universalista (ou “regionalismo transfigurado”) vigorará, o que, segundo Nelson Werneck Sodré (1969), se dá devido à ascensão da classe mé-

dia. Escritores das gerações de 30 e 45, dentre os quais Guimarães Rosa, exemplificam essa etapa.

Sobre essa questão acrescenta Bosi que a literatura regionalista acabou por adquirir um valor documental que abrangeu as mais diversas regiões do Brasil, inclusive na contemporaneidade: o Nordeste que, segundo ele, tem apresentado uma copiosa literatura ficcional regionalista, “que vai do simples registro de costumes locais à aberta opção de crítica e engajamento que as condições da área exigem” (BOSI, 1989, p. 482); o contexto mineiro-goiano com Bernardo Élis, representando um dos pontos altos do regionalismo tradicional; o extremo sul; a vida rural paulista ou mesmo a região Amazônica, com romances que, segundo o autor, vêm se “renovando à medida que a região tem sofrido mais duramente o impacto de um ‘desenvolvimento’ selvagem” (p. 482).

Projeto literário regionalista no Tocantins

Se traçarmos um paralelo entre o regionalismo enquanto tendência nacional e o projeto literário regionalista no Tocantins, questões políticas deverão ser observadas. Afinal, a produção literária realizada nesse estado objetiva, entre outros: a) projetar seus escritores e o próprio Tocantins no cenário literário nacional; b) formar uma literatura nesse estado que o represente e o caracterize.

Considerando que o contexto literário tocantinense é marcado pelos esforços dos escritores e intelectuais construírem uma identidade para esse estado, Mirian Aparecida Deboni afirma que “esse quadro, de certa forma, reproduz em âmbito estadual, os objetivos e caminhos traçados pelos escritores brasileiros que, no século XIX, empenharam-se na construção de uma literatura nacional” (2007, p. 76). Entretanto, afirma a autora:

Enquanto no Romantismo o acontecimento que motivou a produção de uma literatura nacional e de uma identidade para o país foi a luta por sua independência política, no Tocantins, o fato político de sua formação pode ser entendido como um elemento que impulsionou certos autores a produzirem algumas obras nas quais é visível a preocupação em forjar-lhe uma tradição cultural e um passado histórico, de modo a singularizá-lo perante as demais regiões brasileiras (DEBONI, 2007, p. 79).

Pelo exposto, percebe-se que a literatura regionalista no Tocantins firma-se ainda, na descrição, não atendendo “aos anseios de universalidade no tratado ao homem e ao seu ambiente, que, segundo Candido, devem caracterizar os romances regionalistas nos dias atuais” (DEBONI: 2007, p. 90). Portanto, observando a teoria aqui expressa, o regionalismo tocantinense encontra-se em sua primeira fase – a que prioriza a descrição e a caracterização do ambiente local, destacando peculiaridades da região. Afirma Deboni:

Dessa forma, os textos literários regionalistas produzidos no Tocantins assemelham-se a uma reduplicação anacrônica de um certo neo-romantismo [...], pois relegam os pro-

blemas cruciais do homem a uma condição secundária em prol da abordagem da região tocaninense (2007, p. 90).

Embora tal atitude represente um instrumento de afirmação de uma identidade para o povo que habita este estado e, conseqüentemente, uma forma de se alcançar autonomia intelectual, isso em nada inferioriza ou desqualifica a literatura ali produzida, que se mostra bem representada por escritores(as) como Isabel Dias Neves, que na dedicatória de *Fardo florido* tem orgulho em dizer:

Este livro é dedicado/ a toda gente da roça/
que voou do silêncio,/ deixando úmida a
moita/ [...] Presa à raiz, no sertão, canta com
raça o seu canto/ e se orgulha do estrume/
que adubou os pés.

A obra de uma escritora tocaninense: *Fardo florido*, de Isabel Dias Neves

Nascida em Tocantinópolis, Isabel Dias Neves cresceu na roça e, somente aos 14 anos de idade, passou a frequentar a escola. A partir daí, não mais interrompeu sua carreira acadêmica. Estudou interna em Porto Nacional; fez magistério no Colégio Santa Clara, em Goiânia; graduou-se em Pedagogia pela Universidade Católica de Goiás; cursou o mestrado na PUC do Rio. Exerceu o magistério, dentre tantas instituições, na Universidade Católica de Goiás, na Universidade Federal do Tocantins (ex-Unitins) e na Universidade Federal do Goiás.

Amante da literatura, faz parte de inúmeras instituições vinculadas às letras, dentre elas a Academia Tocantinense de Letras, da qual foi eleita presidente para o triênio 2004 a 2006.

Em 1995 lançou seu primeiro livro de poesia (objeto de nosso estudo), *Fardo florido*, cujo fio condutor, segundo Yêda Schmaltz, é a ligação da autora com a terra,

tornando-a a mais autêntica representante dos cantores do Cerrado e uma das poucas (senão a primeira) poetisa do Tocantins, o seu Norte tão amado de onde veio, trazendo no coração essa bússola que aponta ininterruptamente para as suas raízes mais profundas (in: NEVES, 2006, p. 11).

Fardo florido teve duas edições (1995 e 1998) e foi traduzido para o francês com apresentação no projeto Anglo-brasileiro divulgado na França. Sobre essa obra e sua autora, afirma Nelly Novaes Coelho:

[...] Isabel Dias Neves (Belinha, para os amigos) estréia em livro, **Fardo florido**, em 1995, já em plena maturidade existencial e intelectual [...]. É nessa funda ligação com a terra e com todos que nela trabalham, ou dela vivem, ou nela desvitem, que está a maior força da palavra de Isabel (2002, p. 288).

O exposto acima por Coelho ganha força com a declaração de Neves: "*Fardo Florido* traz textos sobre sementes, plantios, colheitas, raízes, elementos da Terra". Entretanto, para perceber isso é importante que se tenha sensibilidade. Afinal, "a análise constitui, precipuamente, um modo de ler, de ver e de, portanto, ensinar a ler a ver" (MOISÉS, 1995, p. 22). O problema é que muitas

vezes se lê mal, vê-se mal. Nesse sentido, declara Massaud Moisés:

A leitura em profundidade pressupõe sempre que o texto literário, sendo composto de metáforas, é ambíguo por natureza, ou seja, guarda uma multiplicidade de sentidos. Ler mal significa não perceber a extensão dessa ambigüidade, ou apenas percebê-la sem poder compreendê-la ou justificá-la... (1995, p. 24).

O leitor que assim procede perde a oportunidade de perceber as múltiplas possibilidades de interpretação que o texto proporciona, bem como os vínculos que a obra pode traçar com diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, afirma Yêda Schmaltz sobre o livro em estudo:

Há, em *Fardo florido*, importantes registros históricos e sociológicos sobre as festas populares, o folclore, os usos e costumes dos povos do interior do Brasil, mais especialmente de Goiás e do Tocantins, “um povo que se abraça/e só vive de promessa”, um povo cujo “suor de mãos calejadas/ dá comida pros romeiros” [...].

[...] na lírica de Belinha, não passaram despercebidas as diferenças sociais que desfilam com as crianças carregando enxadas e semeando o milho; a fome do pobre que morre roçando a terra e, fundamentalmente, “o suor do roceiro que se reparte entre aqueles que não roçam”. O poeta é porta-voz do seu momento histórico e, mesmo não pretendendo realizar uma poesia *engajada*, a poeta mostra, de forma diluída pelos poemas, toda uma problemática social que é profundamente dolorosa (in: NEVES, 2006, p. 11-12).

O exposto, bem pode justificar o título da obra – *Fardo florido*.

Conceitualmente, “fardo” pode significar: embrulho grande e pesado, carga, sofrimento, trabalho. Entretanto, na

obra de Isabel Dias Neves esse fardo é “florido”, pois foi por meio de sua trajetória árdua de vida (seu “fardo”) que a autora alcançou a vitória, tornando-se exemplo de que há uma candeia que não se apaga para aquele que vive no sertão. Essa luz pode alumiar caminhos e transformar vidas.

Estruturalmente, a obra em foco se divide em quatro partes, iniciadas por epígrafes que sintetizam a temática que será abordada em cada uma delas. Sendo assim, temos:

1. Parte I: ABRACE ESSE RAMO

Epígrafe: “Vive dentro de mim/ a mulher roceira:/ - enxerto da terra” (Cora Coralina).

2. Parte II: DE BRAÇOS COM O OUTRO

Epígrafe: “Quando escolhi a selva para aprender a ser,/ folha por folha,/ estendi minhas lições/ e aprendi a ser raiz...” (Pablo Neruda)

3. Parte III: A FORÇA DO LAÇO

Epígrafe: “Amor, que o gesto humano na alma/ escreve,/ vivas faíscas me mostrou um dia” (Camões).

4. Parte IV: LUME DE MEU LEME

Epígrafe: “A primitiva aurora, que, brilhando,/ me conduzia, desfazendo as trevas,/ deixou-me só na solidão do campo/ colhendo imagens cada vez mais cegas” (G. M. Teles).

Na primeira parte da obra prevalece um certo telurismo, em uma tentativa da autora de decantar sua terra natal, sua fascinação pelo meio geográfico, sua relação com a natureza. Não é, pois, de

se estranhar a presença de textos tais como: “[...] o povo que caminha a minha estrada/ é da roça;/ o chão que abraça os meus pés/ é santo./ Esse canto do sertão/ sedimentou meu (uni)verso” ou, ainda, “[...] Rio Tocantins, secular história,/ teu azul eterno conduz ao verde/ das esperanças./ Tuas margens mudas, cheias de palmas,/ embalam os sonhos;/ sonhos de ontem, sonhos de hoje, sonho infinito/ de dormir no teu azul” (NEVES, 2006, p. 15, 47).

“Abraça esse ramo”, portanto, aponta para um ufanismo, uma exaltação à natureza, mas também não se furta a retratar realidades do estado do Tocantins, tais como: as queimadas (“Replântio”, p. 27), a quebra do coco (“A quebra do coco”, p. 29), as romarias (“Promessa”, p. 41), ou mesmo o trabalho dos roceiros (“Nos passos de Adão”, p. 31 e “Nos passos de Eva”, p. 33).

A segunda parte da obra – “De braços com o outro” – relata, poeticamente, a saída da autora de sua terra natal “para aprender ser raiz”: “Reguei brotos desconhecidos,/ de terras prometidas e adversas;/ pastoreei caminhos com força e fé/ de quem renasce a cada amanhecer./ Compartilhei da colheita enluarada/ que se derramou com o pé do sol” (“Plantio de sol”, p. 79). A relação da autora com os seu semelhantes aqui também se destaca. Assim, encontraremos, em “Sonata”: “A mulher que fia,/ a mulher que planta/ e a mulher que dura/ é a que transforma/ o suor diário/ em nova partitura” (p. 59).

Em “A força do laço” – terceira parte de *Fardo florido* – Isabel Dias Neves relata relações conflituosas:

Prometias céus e luar eterno./ Longe de mim tu pisaste em nós./ Procurei a ti e encontrei saudade./ Quis ver alegria e abracei tristeza./ O fogo dos teus beijos enche-me a boca./ O teu olhar que desejo ronda-me os passos./ Vives no canto dos sóis, no violão alado./ És um presente que ardeu o meu passado (“Presença”, p. 113).

A quarta parte da obra – “Lume do meu leme” – retrata a busca de novos caminhos por parte da poeta: “Embailei todos com doce e ferro;/ comi aplausos, chorei ternura./ Findo o caminho, procuro outro./ Hoje, desperta, cavo outro sonho” (“Outro sonho”, p. 117). Ainda, em “Navegando”, encontramos: “Imersa em novos mares,/ afogo o fogo,/ apporto o leme./ Abrindo outras janelas,/ acordo flores na tormenta” (p. 123). Em “Na fonte”, temos: “A ilusão da muleta/ para amaciar a pisada/ doura o pé, não a estrada,/ que só hei de fazê-la” (p. 133). Por fim, em “Moenda”, lemos: “Pó na estrada:/ promessas, conquistas./ Rio cheio, flores, festas, homem nu/ [...] moinho louco/ que gera tudo: a dor, o cio,/ a sorte, o verso” (p. 141).

Nesse último poema podemos perceber que, mesmo quando se trata de uma temática cuja essência está voltada para a procura de si mesma, a autora utiliza-se de expressões metafóricas vinculadas às suas origens (“pó na estrada”, “rio cheio”, “flores”, “moinho”), demonstrando com isso que a tendência regionalista permeia seus textos, já na quarta parte,

de forma universal, vez que, por meio da inserção da subjetividade da autora e de sua interação com um todo natural-cultural, sua procura existencial passa a representar também a nossa procura. Enfim, *Fardo florido* se encerra, em “Lume do meu leme”, mostrando que o regionalismo de Isabel Dias Neves acaba ultrapassando os limites geográficos, embora seja dele que ela extraia sua matéria-prima. Sua terra natal, com todas as suas peculiaridades regionais, transforma-se em uma forma de aprendizado sobre a vida, sobre a existência, sobre o ser humano.

Conclusão

Pelo exposto acima, vê-se que *Fardo florido*, em sua composição estrutural, acaba por relatar a trajetória da autora: a) sua relação com a terra natal; b) sua partida em busca de novos horizontes; c) emoções vividas; d) mais uma vez, uma nova procura, pois, afinal, estamos sempre recomeçando.

Embora não façam parte do objeto poético o mundo objetivo, as coisas, os seres, a sociedade, os eventos históricos, dentre outros, esses temas podem se constituir em elementos semântico-pragmáticos do texto lírico, desde que revelem a interioridade do poeta, como afirma Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1988, p. 584). No caso de Isabel Dias Neves, é isso que ocorre: o dado exterior se torna pretexto impulsionador de sua produção textual, uma vez que os elementos narrativos e/

ou descritivos que fazem parte de sua história se projetam em *Fardo florido* com a função predominante de evocar estados íntimos, revelando muitas vezes conteúdos da subjetividade da autora e, em outros momentos, dando suporte simbólico ao poema. Portanto, na obra em estudo, mesmo que com forte tendência regionalista (pautada em descrições e narrativas), prevalece

o sujeito individual e, por conseguinte, as situações e os objetos particulares, assim como a maneira segundo a qual a alma, com os seus juízos subjetivos, as suas alegrias, as suas admirações, as suas dores e as suas sensações, toma consciência de si própria no seio deste conteúdo (SILVA, 1988, p. 582).

Em *Fardo florido* Isabel Dias Neves consegue transportar para o poético coisas que viu e viveu, dando-lhes, entretanto, um contorno lírico, desnudando, por fim, uma feição de sua interioridade como em “Viço do silêncio”:

A maciez do silêncio
embala a seiva,
prima da vida,

e embala o céu,
o sol e a terra,
em cromada sinfonia.

O cântico dos pássaros
ultrapassa o universo
de cada viço afinado.

O verso do fino vento
acalanta, até o cerne,
o mistério da existência.

(NEVES, 2006, p. 23).

Pelo exposto, concluímos que Isabel Neves Dias, em sua obra *Fardo flori-*

do, é uma Autora que bem representa, poeticamente, a essência do estado do Tocantins, pois apresenta em seu livro as paisagens de sua terra natal, acompanhadas pela história de sua gente, com seus hábitos, suas tradições e seu folclore, traçando, enfim, um retrato lírico do norte.

Flowery burden: the poetry from Tocantins, by Isabel Dias Neves

Abstract

In the analysis of the work *Flowery burden*, by Isabel Dias Neves, presented here, our goal is trace a study of the book cited above under the perspective of a scripture from Tocantins – Goiás, Brazil (we mean here, literature from Tocantins as the literary manifestations produced in the Tocantins State, in Brazil). We will observe, in this process, questions bound to regionalism, once the poetry of the author reflects this perspective. For this, we will use as theoretical support the studies by Antonio Candido, Lúcia Miguel Pereira and Mirian Aparecida Deboni with regard to this thematic.

Key words: Literature from Tocantins. Regionalism. Isabel Dias Neves.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Bahia; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993. v. II.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

DEBONI, Mirian Aparecida. *O papel da academia de letras na formação e caracterização da atividade literária no Tocantins*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEVES, Isabel Dias. *Fardo florido*. Goiânia: Gráfica UFG, 2006.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: história da literatura brasileira – de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.